

ARTE, LOUCURA E SAÚDE COLETIVA: ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE CUIDADO E DE FORMAÇÃO EM SAÚDE

Art, madness and collective health: strategies for the production of health care and training

Carlos Alberto Severo Garcia Jr.¹
Roger Flores Ceccon²

Artigo encaminhado: 12/06/2022
Artigo aceito para publicação: 11/05/2024

RESUMO: Este texto tem como objetivo cartografar agenciamentos institucionais e afetivos fabricados em encontros de formação e produção do cuidado no cenário da pandemia da COVID-19. Utilizou-se como estratégia metodológica a “narrativa-experiência” dos acontecimentos que emergiram do curso “Arte, loucura e Saúde Coletiva”, promovido em formato online pela Universidade Federal de Santa Catarina, entre agosto e setembro de 2020. Reuniu-se um coletivo de 50 indivíduos de diversos estados brasileiros, representando instituições acadêmicas e serviços de saúde. Durante o curso, destacou-se a necessidade premente de utilizar a arte e fomentar encontros enriquecedores como ferramentas para a produção do conhecimento. Além disso, ressaltou-se a importância de desconstruir a concepção tradicional da loucura, buscando novas abordagens de cuidado; de desfazer as fronteiras entre saúde e arte; de enfrentar os desafios da educação contemporânea com uma abordagem centrada na intensidade dos corpos; e de estabelecer espaços de escuta, diálogo e afeto.

Palavras-chave: Educação; saúde coletiva; arte; narrativa.

RESUMEN: Este texto tiene como objetivo mapear las agencias institucionales y afectivas fabricadas en los encuentros de formación y producción durante la pandemia de COVID-19. La “narrativa-experiencia” se utilizó como estrategia metodológica para los eventos surgidos del curso “Arte, Locura y Salud Colectiva”, impulsado por NN [eliminado para fines de revisión por pares], entre agosto y

¹ Docente do Departamento de Ciências da Saúde, Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Araranguá/SC. Doutor em Ciências Humanas (UFSC). E-mail: carlosgarciajunior@hotmail.com

² Docente do Departamento de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Florianópolis/SC. Doutor em Enfermagem (UFRGS). E-mail: roger.ceccon@hotmail.com

septiembre de 2020. Reunión Un grupo de 50 personas de varios estados brasileños, en representación de instituciones académicas y servicios de salud. Durante el curso se destaca la necesidad de utilizar prioritariamente el arte y propiciar encuentros enriquecedores como herramientas para la producción de conocimiento. Además, destacó la importancia de deconstruir la concepción tradicional de la locura, buscando nuevos enfoques del cuidado; de desdibujar los límites entre salud y arte; enfrentar los desafíos de la educación contemporánea con un enfoque de los cuerpos centrado en la intensidad; y establecer espacios de discusión, diálogo y afecto.

Palabras llave: Educación; salud pública; arte; narrativa.

ABSTRACT: This text aims to map the institutional and affective agencies manufactured in training and production meetings during the COVID-19 pandemic. The “narrative-experience” was used as a methodological strategy for two events arising from the course “Art, Madness and Collective Health”, promoted by NN [removed for peer review purposes], between August and September 2020. Meeting A group of 50 individuals from various Brazilian states, representing academic institutions and health services. During the course, the need to primarily use art and encourage enriching encounters as tools to produce knowledge is highlighted. Furthermore, it highlighted the importance of deconstructing the traditional conception of madness, seeking new approaches to care; of blurring the boundaries between health and art; face the challenges of contemporary education with a two-body intensity-centered approach; and establish spaces for discussion, dialogue and affection.

Keywords: Education; collective health; art; narrative.

1 INTRODUÇÃO

Este texto emerge dos encontros estabelecidos em espaços de formação e produção de cuidado, da vida em sociedade, em contato com o mundo e com o outro, em sua existência criativa e criadora. Enfatiza, principalmente, o papel estratégico-político que as instituições de ensino tiveram no cenário da pandemia de COVID-19 no Brasil. Um escrito cuja ética se centra nas intensidades que

inventam conexões, constituindo-se como um convite para transbordar limites, extravasar, derramar e libertar a vida aprisionada no confinamento social.

Deste modo, propõe-se um texto-movimento na perspectiva cartográfica dos agenciamentos institucionais e afetivos (BARROS; PASSOS, 2009), um devir para “outrar”, no antagonismo radical à estagnação dos corpos, mesmo em tempos de confinamento social. Para Deleuze e Guattari (2007), o movimento remete sempre à mudança, migração, variação sazonal; são as mudanças e os movimentos que nos provocam, e a perspectiva cartográfica deste texto permite capturar a invenção, os afetos, os desejos, as subjetividades e as relações de saber e poder.

Trata-se de uma estratégia metodológica para a construção de uma perspectiva da “narrativa-experiência” dos acontecimentos (CECCON, et al., 2022). Para nos aproximarmos de um devir-movimento, assumimos o ofício cartográfico de narradores das nossas próprias experiências.

O ato de narrar, aqui, é compreendido como a capacidade de intercambiar experiências, semelhante às figuras arquetípicas dos narradores exemplares: o camponês sedentário, o marinheiro viajante e o artífice das cidades medievais (BENJAMIN, 2012). Narrar enquanto possibilidade de produzir significados e sentidos aos fatos e acontecimentos, de inventar o “eu”, de lhe dar identidade ao mesmo tempo que demarca as diferenças. Além disso, trata-se de elaborar o projeto ético formativo de como a vida foi e pode ser, criando modelos pelos quais construímos a nós mesmos como parte do mundo e o mundo como parte de nós, em um processo de “devir-loucura na saúde coletiva” e “devir-saúde coletiva na loucura”.

As experiências suscitadas pelo curso abriram “janelas” para pensar a intersecção entre a arte, a loucura e a saúde coletiva nesse mundo imerso em situações caóticas, ao aprisionamento, à violência e à clausura. Além de nos provocar a sensibilidade necessária para afetar e ser afetado pelos acontecimentos e histórias daqueles que habitam os distintos territórios da vida. Ao mesmo tempo, os encontros abriram fissuras nas nossas concepções acerca da educação e do cuidado em tempos de pandemia, que aqui denominamos não mais de ensino remoto, tendo em vista o empobrecimento destes termos. Denominamos de “encontros reais-virtuais”, pois são acontecimentos que, mais

do que transmitir conhecimento, como é, muitas vezes, de praxe no ensino à distância, provocam a intensidade necessária para a produção de subjetividade e explosão de potências.

Este texto tem como objetivo cartografar agenciamentos institucionais e afetivos fabricados em encontros de formação e produção do cuidado no cenário da pandemia da COVID-19.

Metodologicamente, trata-se de uma narrativa-experiência dos eventos do curso "Arte, Loucura e Saúde Coletiva", organizado pela Escola de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), campus Araranguá. Narramos neste texto as subjetividades que emergiram dos acontecimentos e desdobramentos do curso "Arte, Loucura e Saúde Coletiva", promovido pela UFSC, durante os meses de agosto e setembro de 2020. Na primeira parte, narramos "o curso como acontecimento"; na segunda etapa, analisamos os "personagens" e, por fim, os "efeitos, produções e rupturas desalienantes", especialmente na conexão entre os campos da Educação e do Cuidado em Saúde diante do distanciamento e isolamento social, da quarentena, da campanha "fique em casa" e da expressão "novo normal", isto é, novas práticas e padrões estabelecidos em uma sociedade ameaçada pela COVID-19.

Arte, loucura e Saúde Coletiva: o curso como acontecimento

Diante das crises política, econômica, social, ética e sanitária no Brasil, agravadas pela pandemia da COVID-19, o curso "Arte, Loucura e Saúde Coletiva" foi promovido como uma forma de existência e resistência. A premissa era que a fala, a escuta e a expressão dos gestos pudessem se constituir como dispositivos pedagógicos e terapêuticos. Este curso surgiu do desejo de ampliar e provocar relações e movimentos, tendo a arte como diretriz conectiva, entendida como "relicários" para a compreensão dos temas da Saúde Coletiva, especialmente a loucura, e capaz de inspirar outras formas de liberdade.

Queríamos abrir espaço para o diálogo com a loucura que habita em todos, despindo-nos da armadura das doenças psiquiátricas, dos diagnósticos, das classificações internacionais de doenças, das noções nosográficas e normativas. O objetivo era provocar, a partir da invenção e criação, outro "eu" viável que nos

pertence e nos produz; a loucura de cada um de nós, que nos coloca em movimento, em caminhada, como uma experiência peripatética, tensionando a clausura do fora que aprisiona a loucura de dentro. Queríamos e queremos liberdade como “essencial”.

Essa busca por liberdade e expressão encontra respaldo nas ideias de Foucault (2008), que argumenta que o corpo do louco é vitimado pela exclusão, semelhante ao que ocorreu com os leprosos e os hereges em outras épocas. No entanto, essa não é a única vitimização que se abate sobre a loucura. Foucault demonstra que, após o Renascimento, a loucura foi capturada por um discurso amplo que a desqualificava enquanto linguagem, pois se enredava em um jogo de forças com a razão, que se tornava o ponto alto do regime de verdades do mundo ocidental. A loucura, portanto, passou a ser vista como uma linguagem falsa, incapaz de falar a verdade, e, ao longo da Idade Clássica, tornou-se uma linguagem interdita.

Entretanto, não foi apenas a loucura que sofreu essa grande internação ocorrida a partir do século XVII. Uma miríade de outras linguagens também foi fechada pela sociedade em hospitais gerais, todas elas excluídas do domínio da verdade e associadas à desrazão. Assim, por muito tempo e ainda nos dias de hoje, a loucura é considerada uma experiência trágica, cuja linguagem não diz nada e é interdita.

Essa exclusão persistente reflete-se na comunicação moderna, na qual o sujeito moderno não se comunica mais com o louco. De um lado, há o homem da razão que delega ao médico a interação com a loucura, não permitindo, assim, um relacionamento direto, exceto através da universalidade abstrata da doença. De outro lado, há o homem da loucura que não se comunica com o outro senão por intermédio de uma razão igualmente abstrata, representada pela ordem, coação física e moral, pressão anônima do grupo e exigência de conformidade (FOUCAULT, 2003).

Assim, o curso buscou romper com a lógica moderna de invenção da doença mental, liberando a loucura por meio da arte. Em vez de se focar em um “valor de verdade”, o curso estava interessado em explorar como é possível viver em sociedade diante de um “novo normal” que, invariavelmente, afeta discursos

em diversos âmbitos (científico, acadêmico e social) e pode produzir outras formas de sofrimento mental ao se adequar às velhas estruturas.

À luz do arcabouço teórico do campo da Saúde Coletiva, o curso "Arte, Loucura e Saúde Coletiva" propôs-se a abrir caminhos para o acesso e a troca de saberes sobre as interseções entre arte e loucura. Seus objetivos incluíam a constituição de um espaço alternativo para a construção de subjetividades, o uso terapêutico das linguagens artísticas como ferramenta de aprendizado e o estímulo à expressão artística subjetiva dos participantes. Diante dessas ambições, emergiram possibilidades diversas de discussões, valorizando a diferença e o tempo de cada um.

Para explorar esse diálogo em torno da loucura, o curso foi promovido pela UFSC, um coletivo dedicado à produção de conhecimento, pesquisa científica e atividades de extensão. Além disso, o coletivo se empenha na articulação entre ensino e serviço e na promoção de um pensamento crítico, reflexivo e ético em prol da vida, da democracia e da saúde.

O curso, gratuito por dever e princípio, foi realizado em formato de encontros reais-virtuais, utilizando plataformas digitais, com cinco sessões semanais de três horas cada. Cada encontro foi antecedido por referências teóricas e artísticas de diversas vertentes, como literatura, pintura, poesia, fotografia, música e cinema. As sessões foram facilitadas por duplas compostas por docentes e estudantes, responsáveis por aprofundar os temas, estimular a discussão e mediar as relações de poder-saber.

Os encontros tinham como objetivo proporcionar espaço para a discussão e reflexão crítica dos conteúdos, incentivando também a apresentação das produções artísticas dos próprios participantes. O curso foi destinado a estudantes, profissionais, gestores, usuários dos serviços de saúde e à comunidade em geral, com a expectativa de que os participantes produzissem saberes coletivos sobre as temáticas abordadas e desenvolvessem habilidades sensíveis de interpretação e produção artística.

Ao todo, o curso contou com a participação de 50 pessoas de diferentes estados brasileiros, representando instituições universitárias e serviços de saúde de várias localidades do país. No último encontro, foi realizado o "Sarau dos Sonhos", que se configurou como um espaço de expressão artística, produção de

afeto, cuidado e fortalecimento dos laços de confiança entre os participantes. O sarau contou ainda com a participação de membros do grupo “Cancioneiros do IPUB” e de “Adilson Tiamo”, reconhecidos ativistas pela luta antimanicomial no Rio de Janeiro.

Fomentamos uma rede com laços sólidos, tecida a partir do vínculo e da alegria de compartilhar experiências com o outro. Mesmo mediado pela tecnologia, por meio do ambiente real-virtual, exploramos as interseções entre arte e loucura sob a perspectiva das Ciências Humanas e Sociais em Saúde. Narrar essa experiência nos impulsiona e pode inspirar outros aventureiros a explorar o encontro entre arte e saúde.

Relicários dos bons encontros: a arte como potência

No primeiro encontro, mergulhamos no documentário brasileiro “Estamira” (2006), dirigido por Marcos Prado e produzido por José Padilha. Somos apresentados à Estamira Gomes de Sousa, uma mulher com “transtornos” mentais que vivia e trabalhava no aterro sanitário de Jardim Gramacho, onde eram depositados os resíduos do Rio de Janeiro. Estamira, conhecida por seu discurso filosófico que misturava lucidez e loucura, abordava temas como vida, Deus, trabalho e reflexões existenciais sobre si e a sociedade.

O primeiro encontro do curso tinha tudo para ser “preto e branco”, como as cenas do documentário, mas nos despimos das armaduras que travestem os indivíduos nos seus “avatares”, do encontro em um processo metamórfico em que se produziu uma narrativa “verdadeira” e mutante, uma revelação de verdade. Assim como Estamira, que, perturbada, mas lúcida, nos faz questionar se o que o diretor apresenta é um documentário ou uma narrativa. O filme retrata uma história de violência, alucinações, pobreza e desigualdades, uma história de Deus.

Estamira denuncia tudo e todos: seus agressores, os serviços de saúde, os cuidadores, os familiares, os medicamentos, os abusos e a sociedade. Ela sentencia: “você não aprendem nas escolas, lá você copia”. E mais: “a médica é copiadora”. Ela nos alerta sobre o uso do “tal Diazepam”, acusando-os de dopar as pessoas. Há uma profunda lucidez nessa denúncia-narrativa.

Estamira, como muitos, foi internada em um hospital psiquiátrico. Neste ambiente de confinamento, ela foi amarrada. Talvez, por isso, o lixão de Gramacho fizesse mais sentido para ela do que qualquer instituição, pois ali ela podia viver com liberdade. Lima Barreto, em seu livro “Diário do hospício/O cemitério dos vivos” (2017), narrou sua experiência dentro de uma instituição psiquiátrica, enquanto Foucault retrata o nascimento dessas instituições asilares. O conto “O alienista” (1979) de Machado de Assis problematiza a relação do poder médico sobre o corpo social. O Brasil teve um número expressivo de pacientes internados em hospitais psiquiátricos. Por exemplo, o livro “Holocausto Brasileiro”, de Daniela Arbex (2013), revela uma faceta sombria da história dos manicômios no Brasil, apresentando violações dos direitos humanos.

No segundo encontro, discutimos o livro “Capitães da Areia”, de Jorge Amado (1991), e as pinturas do Museu de Imagens do Inconsciente, fundado por Nise da Silveira na cidade do Rio de Janeiro. Falamos sobre cultura, capoeira, candomblé, vida nas ruas e resistências, embasados pela vertente teórica decolonial e os condenados da terra (FANON, 2010). Os personagens, movidos pela ânsia de sobrevivência, representam a vida em um país colonizado, em uma sociedade subalterna que produz vidas à margem. Os destinos desses personagens, moldados pelas infinitas possibilidades do acaso e da vida, mostram a vida descontrolável.

Os "Capitães da Areia" são, em certa medida, os usuários dos serviços de saúde mental, os artistas que pintam a partir da subjetividade, aos quais a arte possibilita linhas de fuga, estratégias terapêuticas, cuidado, afeto e potência. No século XX, as relações entre arte e loucura puderam ser valorizadas com o uso da arte como ferramenta em atividades dentro dos hospitais psiquiátricos, como o Instituto Nise da Silveira. Magaldi (2020) aponta alguns elementos da “psiquiatria rebelde” propostos por Nise da Silveira, sobretudo o ímpeto de introduzir a loucura no âmbito da humanidade, proporcionando aos indivíduos categorizados com seus signos diagnósticos o “reconhecimento de um estatuto de pessoa”.

No terceiro encontro, discutimos o filme “A Pele que Habito”, de Pedro Almodóvar (2012), e as fotografias de Boris Kossoy. Utilizamos a fotografia de Kossoy (2020) para explorar os conceitos de "passado e presente", "efêmero e perpétuo". Almodóvar nos leva a refletir sobre as várias camadas de um filme e as

múltiplas interpretações que ele pode oferecer. Ele nos leva a entrever os enigmas da vida e revelá-los. Há uma associação entre cinema e a produção de saúde, ao se analisar quem e como se habita a vida. Esses encontros nos proporcionaram a criação da poesia coletiva intitulada "Pele".

*A pele é uma versão.
É remendo e junção.
Agulha e linha.
Veste qualquer roupa.
Retalho e pano.
A pele é uma digital, um rosto, tem cheiro.
A pele é maternidade.
Célula, sangue e tela.
Contorno, textura e calor.
A pele é uma ironia.
Ensina. Beleza e pobreza.
A pele queima, aborta e roga. Carne, vestido e prótese.
Pele arte, clínica e montagem. Frágil.
A pele é território. É do outro e ninguém. Nasce na barriga e morre no ventre.
A pele é imagem, faísca e vazio. Porta de entrada e saída. Católica, pervertida e machucada.
A pele mostra a intimidade. Silencia. Grita.*

No quarto encontro, exploramos a música e a poesia como meios de expressão que promovem saúde e cuidado. Tom Zé, Criolo e Paulo Leminski, artistas brasileiros de grande relevância cultural, foram os pilares para a construção de saberes e conhecimentos. As provocativas afirmações de Tom Zé, como "Cultura livre é algo subversivo e vai virar governo do povo", de Criolo, como "Aqui ninguém vai pro céu", e de Leminski, que dizia "Todo bairro tem um louco", nos levaram a refletir sobre o papel da arte como forma de revolta contra as estruturas sociais, políticas e econômicas. A subversão artística transcende os limites da ética, estética e política, tornando-se uma ferramenta na luta por justiça social e contra as injustiças do poder.

O quinto e último encontro recebeu o nome de "Sarau dos Sonhos", uma iniciativa que surgiu da necessidade e do desejo de criar um espaço performático, onde a identidade e a diferença fossem moldadas pela performatividade. Inspirados pelas ideias de Butler (1999), buscamos estabelecer uma conexão

entre arte e loucura, ao mesmo tempo em que fomentamos uma rede solidária e acolhedora para todos os participantes.

O sarau se transformou em um processo de gestão compartilhada, sem a imposição de facilitadores com supostos saberes e poderes, rompendo com as identidades grupais hegemônicas. Participaram professores, estudantes, usuários de serviços de saúde mental, militantes, ativistas e profissionais de saúde, cada um contribuindo com suas expressões artísticas e culturais. Cantamos, declamamos poesias, dançamos, pintamos, jogamos e bordamos. Criamos formas de expressão para aliviar as angústias dos tempos atuais, construindo mecanismos reais e virtuais de cuidado e formando redes baseadas nos afetos.

Educação e cuidado em tempos de enclausuramento: efeitos, produções e rupturas desalienantes

Nesta seção, exploramos a capacidade dos encontros em gerar potência por meio do que denominamos "sítios sensíveis", caracterizados como locais de memória e compartilhamento de experiências embasadas em uma visão crítica e inclusiva. A abordagem pedagógica concentrou-se no compartilhamento de memórias sensíveis, visando ampliar a reflexão e valorizar o processo de gestão compartilhada, formação crítica, criativa e problematizadora, bem como o intercâmbio de saberes no decorrer do curso. Portanto, os participantes assumiram também o papel de gestores do processo pedagógico e formativo.

Esses "sítios sensíveis" não se limitam a estruturas físicas convencionais, como universidades, escolas e serviços de saúde, historicamente associados à produção de conhecimento. Assim, extrapolamos as fronteiras geográficas e nos lançamos no mundo virtual em meio à pandemia, apostando em relações orgânicas e em uma abordagem ética na condução da formação acadêmica: comprometida com os anseios de todos e orientada para a produção de conhecimento a partir desses desejos.

O ambiente virtual muitas vezes evoca a sensação de ausência do corpo, como um diálogo com o vazio, e frequentemente é assim. Por isso, os encontros virtuais do curso foram fundamentados nas seguintes premissas: mesmo separados fisicamente, os afetos e as intensidades podem aproximar as pessoas

e promover saberes e cuidados. Mais uma vez, enfatizamos a afirmação do “eu” como liberdade. Apesar das preocupações com as limitações dos encontros à distância, o esgotamento tecnológico e a fadiga digital, desafiamos esses obstáculos com a máxima intensidade de nossos corpos, em busca de potência, afetação e, assim, abrindo caminho para a produção do real-virtual. Não se trata apenas de encontros comuns, mas intensos, nos quais estamos abertos e receptivos para produzir subjetividades e alegrias. Há, de fato, encontros possíveis.

Nessa perspectiva, aprender e ensinar estão intrinsecamente ligados ao modo de fazer. A aprendizagem não se resume a uma operação intelectual de acumulação de informações; ela envolve afetos e requer a participação ativa dos atores envolvidos, desafiando a maneira convencional de ver o mundo e apresentando novas informações. Aprender, portanto, é operar sobre práticas estabelecidas de maneiras diferentes, é inventar novas abordagens de transformar o mundo, gerando subjetividades e formas de existir.

Nossa proposta pedagógica, denominada de real-virtual, em consonância com o contexto atual, transcende não apenas o âmbito profissional, mas também as relações sociais, o prazer, a saúde, os desejos e os hábitos, extrapolando para o mundo da vida. Acreditamos que a formação e o cuidado devem abranger diversas esferas da vida, pois o que sustenta a existência é a busca constante por uma vida mais saudável (CECCIM; FERLA, 2008).

Em certo sentido, os encontros se estenderam para além das atividades programadas. Após o término do cronograma estabelecido, os participantes mantiveram contato para oferecer apoio mútuo e fortalecer-se para ações relacionadas às temáticas abordadas no curso. Dessa forma, surgiu um coletivo dinâmico e determinado a continuar compartilhando suas atividades expressivas. Isso representa uma potência significativa diante das incertezas impostas pela pandemia e pela transformação da "normalidade".

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto mapeia as trilhas exploradas durante um curso de formação em saúde, lançando luz sobre questões cruciais em tempos de pandemia. Destaca-se

a necessidade urgente de usar a arte e cultivar encontros enriquecedores como ferramentas de construção de saberes; é essencial desmontar a concepção moderna e estigmatizada da loucura para abrir espaço a outras formas de cuidado. Além disso, ressalta-se a importância de desvanecer as fronteiras entre arte e saúde, bem como o papel da educação contemporânea em demandar vigor e vitalidade dos corpos, e fomentar espaços de escuta, diálogo e afeto.

Ao término dos encontros, saímos revigorados, envoltos em conforto e alegria, fortalecidos pelo calor humano. Experimentamos um aumento mútuo de potência. Descobrimos outras perspectivas, novas conexões, e fomos tomados por risos. Momentaneamente, esquecemos nossas angústias, substituindo-as por desafios a serem enfrentados em conjunto, e nos afastamos das abordagens convencionais para abraçar distintos modos de pensar. Ao final, emergimos com a convicção de que é possível construir um mundo de esperanças. Tecemos laços e redes de solidariedade e afeto, transcendendo as fronteiras geográficas e criando pontes entre nós, em cada canto do país. Cantamos, dançamos e desenvolvemos estratégias coletivas para navegar os desafios em grupo.

Os encontros foram marcados por uma intensidade vibrante e uma produtividade fecunda, pois abrimos nossas mentes para possibilidades e deixamos fluir o afeto. Desse modo, podemos considerar que a formação e o cuidado, quando integrados à dinâmica do mundo virtual, se entrelaçam, são construídos e se transformam em uma poderosa política de existência, mesmo em meio a uma pandemia.

Referências Bibliográficas

AMADO, J. *Capitães da areia*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

ARBEX, D. *Holocausto brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ASSIS, M. *O Alienista*. In: *Obra Completa*. Vol. II, Conto e Teatro. Organizada por Afrânio Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1979. p. 253-288.

BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 17-31.

BARRETO, L. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*. Prefácio Alfredo Bosi; organização e notas Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BASAGLIA, F. *A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOPES

LOURO, G. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

CECCIM, R. B.; FERLA, A. A. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 6, n. 3, p. 443-456, 2008.

CECCON, R. F.; GARCIA-JR, C. A. S.; DALLMANN, J. M. A.; PORTES, V. M. *Narrativas em saúde coletiva: memória, método e discurso*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.

FANON, F. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

MAGALDI, F. *Mania de liberdade: Nise da Silveira e a humanização da saúde mental no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

Filmografia

A Pele que Habito/La piel que habito. A PELE QUE HABITO/ LA PIEL QUE HABITO. Direção: P. Almodôvar. Produção: Warner Bro., Canal + Espanha, El Deseo S. A., Televisión Española, 2012.

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Produção: José Padilha. Rio de Janeiro: RIOFILME/ZAZEN, 2006.